

# PLANO DE AULA

---

## I. Identificação

**Autoras do Plano de Aula:** Milleni Mena Barreto Orlando (aluna de graduação, História/UnB) e Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva;

**Data de elaboração do plano:** 2/2023;

**Série/Ano:** Ensino Médio;

**Carga horária prevista:** 2 horas/aula.

## II. Tema/assunto/título da aula

**Relações de Gênero e a atuação das mulheres na Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial**

## III. Objetivos

Compreender as relações de gênero e a atuação das mulheres na Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra mundial, por meio da análise das falas de Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero, enfermeira que atuou no conflito em 1943. Ela fez parte de um grupo de 67 enfermeiras que se juntaram às tropas brasileiras da FEB rumo à Itália e serviram em quatro diferentes hospitais de campanha do exército norte-americano montados em Nápoles, Valdibura, Pisa, Pistoia e Livorno.

## IV. Conteúdo

a) contexto da participação das mulheres na Segunda Guerra Mundial; b) relações de gênero e proibição da atuação das mulheres nas Forças Armadas; c) o ofício de enfermeira na FEB; d) situação das mulheres no exército após a Segunda Guerra; e) avanços e limites da atuação das mulheres nas Forças Armadas contemporaneamente.

## V. Pré-requisitos

Conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial

## VI. Metodologia e recursos didáticos

### Aula 01 e 02

A aula terá início com a leitura de trechos da entrevista de Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero (1917-2023) (em anexo), que atuou como enfermeira da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial. Concedeu-se a entrevista às pesquisadoras Anna Beatriz de Sá Almeida, Laurinda Rosa Maciel e Margarida Maria Bernardes, no dia 14/03/2008, na Fiocruz, no Rio de Janeiro. Contempla 02 horas e 17 minutos de duração e foi transcrita em um documento com

57 páginas. Faz parte do projeto: “Depoimentos Avulsos” e está disponível no repositório *online* da Fiocruz. O objetivo da produção da entrevista implicou documentar as experiências vividas pela enfermeira Virgínia Maria, durante sua atuação na Segunda Guerra Mundial.

Para isso, as entrevistadoras seguiram uma ordem cronológica, utilizando perguntas sobre a sua infância e estudos iniciais até a volta ao Brasil e a sua reinserção no Exército. Ressalta-se que o relato de Virgínia Maria é de extrema importância por ser uma narrativa feminina sobre a vivência num acampamento militar durante a Guerra e possibilitar discutir como o machismo interferiu na forma que Virgínia se via e era tratada no Exército.

Uma primeira questão que deve ser problematizada na análise da fonte refere-se à menção de Virgínia sobre gostar de ser “homem e militar”:

*pois é. Eu queria ser militar, eu queria ser homem, ser militar, porque o fulano disse que era homem militar, os meninos, e não havia Colégio Militar para menina. O Colégio Militar era só para homem, então eu fui para o Pedro II, não é? Mas a minha vontade era ser homem e militar...*

Virginia provém de uma família de militares das mais altas patentes. Seu avô foi Marechal e lutou na Guerra do Paraguai, e seu pai era general do exército, ou seja, ela cresceu em um ambiente militar e numa sociedade machista. Nesse sentido, fica claro que Virginia deseja ser homem, pois seu sonho de ser militar somente poderia ocorrer, na época em que viveu, durante a Segunda Guerra, se ela fosse do gênero masculino. Como ela afirma: “não havia colégio militar para mulheres”. Então, não podia seguir carreira militar que, até então, somente admitia o ingresso de pessoas do sexo masculino. Essa ausência de colégio militar para meninas ou a possibilidade de atuação como militares, lutando na guerra, relacionava-se à noção histórica de que era a esfera privada, o mundo doméstico, o verdadeiro universo das mulheres. Então, para realizar seu sonho de ser militar, ela aproveitou da exceção causada pela Segunda Guerra, que permitiu o alistamento de mulheres, e se inscreveu, como enfermeira para atuar no conflito em 1943. No trecho transcrito acima, ela não afirma que queria ser militar apenas, mas que gostaria de ser “homem e militar”, o que demonstra, também, a aceitação do discurso social e da tradição de que somente homens poderiam pertencer ao universo militar e o que seria o “papel do homem” e o “papel da mulher”, construídos social e historicamente.

O voluntariado, para as jovens mulheres, consistia em uma oportunidade única de servir ao país em momento de apelo patriótico, após o torpedeamento dos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, em 1942, causando a morte de centenas de pessoas. O ato bélico de Hitler havia inflamado a população, que exigia uma dura resposta do Brasil à agressão nazista. O país entrou na guerra, declarando solidariedade aos Estados Unidos, mediante garantia de reequipamento das Forças Armadas Brasileiras e apoio na defesa do país. O chamamento para a FEB representava, também, a oportunidade de ocupar um lugar no exército, que, antes da Segunda Guerra, era vetado às mulheres no Brasil.

Com a Segunda Guerra, assim como ocorreu na Primeira Guerra, em diversos países envolvidos, muitas mulheres foram chamadas para atuar no conflito, mas em relações de gênero desiguais. Suas atividades na Guerra foram quase sempre, rigidamente, controladas e dirigidas por homens e, geralmente, representadas como secundárias, de apoio, de assessoria, auxílio, muitas vezes ligadas à assistência e ao cuidado, como no caso das enfermeiras.

Essa visão machista de que as mulheres teriam uma aptidão nata para o cuidado dos homens foi introjetada pelas próprias mulheres, pois foram educadas para achar que essas divisões de gênero eram naturais e não uma criação sócio-histórica, o que pode ser evidenciado na fala de Virginia: “*eu ouvia falar essa coisa toda, não sabe? Eu disse: “Não, eu vou fazer um curso para também ir para essa guerra para cuidar dos militares...”*”. Ou seja, o desejo de participar da Guerra estava atrelado à ideia de cuidar dos homens, nesse caso, dos militares.

Outro trecho relevante da entrevista refere-se ao momento em que Virginia afirma que começava seu trabalho às 7 horas da manhã e que tinha preparo físico para atuar na Guerra:

*VP: a preparação física foi...*

*AB: como que foi isso assim para a senhora?*

*VP: 7 horas da manhã nós entrávamos...*

*AB: era uma novidade para a senhora isso.*

*VP: ah, sim!*

*AB: como foi essa preparação física?*

*VP: tudo, tudo. Tudo para mim era uma coisa. E eu...*

*AB: teve dificuldade?*

*VP: não, nenhuma dificuldade. Eu era estudiosa demais. Queria, não tinha dificuldade.*

Em relação a esse trecho, caberia é importante discutir, com os alunos e as alunas, que, apesar de Virginia afirmar que tinha preparo físico (a suposta falta de preparo físico era considerada à época um dos principais motivos do interdito às mulheres na Guerra), ela logo em seguida, faz duas afirmações para complementar essa capacidade. “Era estudiosa demais” e “era bonita”. Afirmar sua inteligência é muito significativo para a discussão de como as mulheres eram tratadas não somente no ambiente militar, mas social da época. A inteligência e a aptidão para a guerra eram vistas como atributos masculinos. Na história das sociedades patriarcais ocidentais, as mulheres eram consideradas um macho deficiente, um ser débil, marcados pela imbecilidade; já o homem era naturalmente dotado de discernimento e razão, por isso a mulher deveria ser tutelada e governada pelos homens. Repetiram-se esses clichês machistas durante séculos e permeou o imaginário da Segunda Guerra até os dias atuais. Por essa razão, Virginia tem a necessidade de afirmar que era inteligente, o que significava um rompimento com o imaginário machista dominante na época de que as mulheres eram burras.

*VP: doente merece uma enfermeira bonita!*

*LM: olha que interessante isso. Que legal isso, não é? Claro.*

*MM: porque o doente vindo aqui era também...*

*LM: você reanima também, não é?*

*VP: cada um queria escolher a sua enfermeira. Quando viam enfermeira muito feia: “Não dá para...”*

Outra questão relevante é Virginia afirmar que, por ser bonita, era preferida para cuidar dos militares. Nessa perspectiva, também há uma questão de gênero importante. A aparência e beleza feminina sempre foram fundamentais para o valor atribuído às mulheres nas sociedades patriarcais. O ato de embelezar-se, de ser bonita e se adequar ao ideal de beleza padrão, em diversos períodos históricos, há séculos, é uma imposição às mulheres, inclusive sendo considerado necessário para conseguir um bom casamento e um atributo essencial, para os homens, na escolha por parceiras. A exigência de as mulheres serem belas, ainda hoje, é relevante, mesmo após as conquistas feministas, sendo um dos principais componentes para a construção da feminilidade hegemônica que norteia a vivência de mulheres na atualidade.

Virgínia diz que é inteligente, mas, em nenhum momento da entrevista, elucida as suas habilidades técnicas de enfermagem como fatores importantes a serem reconhecidos, e sim a sua aparência, inferindo, ainda, que o bem-estar dos homens estava ligado aos seus atributos estéticos, visto que isto os deixava felizes.

*VP: toda de fardinha. Quando a gente ia pela rua fardada, fardadas de militar, os homens diziam assim: “Mulher não...”*

*LM: (Risos) havia essa reação.*

Outra questão a ser discutida é esse comportamento machista diante da presença das mulheres nas Forças Armadas. Embora fosse de conhecimento público, naquela época, que mulheres estavam atuando nas linhas de combate, ainda que, em papéis reduzidos, a reação negativa, principalmente por parte dos homens, ao ver mulheres de farda, era comum. De acordo com Virgínia, ao serem vistas trajando suas fardas, as enfermeiras podiam escutar comentários que demonstravam a aversão dos homens à visão. Isso revela o quanto o espaço da Guerra era considerado, exclusivamente, masculino e a presença das mulheres nesse espaço era julgado desviante para os padrões de gênero vigentes.

A participação das mulheres em um contexto diferenciado do que era a elas relegado na época, a Guerra, representou uma mudança significativa. Apesar de o Estado não incorporar aquelas que desejavam ao Exército logo após a Guerra — o que se configurava uma injustiça, depois de longos 12 anos de luta para vencer os entraves burocráticos e superar a incompreensão daqueles que não viam com bons olhos elementos femininos participarem do contingente militar — as enfermeiras foram incorporadas, em 1957, ao Exército Brasileiro. Virgínia, então, voltou ao serviço ativo como 2º tenente e passou a atuar como enfermeira na Policlínica Central do Exército. Passou para a reserva em 25 de setembro de 1962 como 1º tenente e foi promovida a capitã em 1963.

Ou seja, a história de Virginia serve para problematizarmos os papéis de gênero que envolvem a participação das mulheres nas Forças Armadas durante a Segunda

Guerra, um contexto majoritariamente masculino, ao mesmo tempo em que permite pensar como Virginia rompeu com os padrões de gênero que conferiam às mulheres um lugar social inferior, restrito aos espaços do casamento e o cuidado dos filhos e do marido. É importante, ainda, sublinhar que atuação de Virginia e de outras enfermeiras na FEB abriu espaço para que elas lutassem por sua incorporação ao Exército, obtida após 12 anos de luta, apenas em 1957. Essa demora também é significativa, pois revela como o machismo constitui o principal entrave para conquista de direito para as mulheres.

É importante, ainda, debater a participação atual das mulheres em instituições militares. Embora a atuação das mulheres, nas Forças Armadas, seja, atualmente, mais comum, ainda há preconceitos em relação às suas capacidades, especialmente físicas, que as impedem de estarem nas áreas combatentes (Infantaria, Cavalaria, Artilharia etc.). Também é preciso sublinhar que, somente a partir de 2016, a Academia Militar das Agulhas Negras abriu vagas no concurso também para mulheres, dando a oportunidade de, finalmente, as mulheres ocuparem os postos mais altos na hierarquia militar.

No entanto, o tratamento desigual de gênero persiste. O concurso reservou, apenas, 10% do número de vagas às mulheres, 400 homens, 40 mulheres. Atualmente, há, apenas, duas mulheres entre os mais de 400 oficiais-generais das Forças Armadas. Até hoje nenhuma mulher chegou ao cargo de comando de uma das armas. Segundo Maria Elizabeth Rocha, a única ministra do Superior Tribunal Militar (STM), o machismo social se reflete nas instituições: "Cansei de julgar situações de desobediência de homens a militares superiores do sexo feminino".

## VII. Avaliação

produzir um texto argumentativo com 10 linhas a partir da seguinte questão: porque as mulheres continuam sofrendo preconceito nas Forças Armadas? Isso é uma forma de violência contra as mulheres?

## VIII. Bibliografia

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira. As enfermeiras da força expedicionária brasileira no front italiano. **Rev. esc. enferm.** USP: São Paulo, v. 41, n. 3, p. 447-453, Set. 2007. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=As+enfermeiras+da+for%C3%A7a+expedicion%C3%A1ria+brasileira+no+front+italiano&rlz=1C1CHBD\\_pt-PTBR913BR913&oq=As+enfermeiras+da+for%C3%A7a+expedicion%C3%A1ria+brasil+no+front+italiano&aqs=chrome..69i57.409j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=As+enfermeiras+da+for%C3%A7a+expedicion%C3%A1ria+brasileira+no+front+italiano&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR913BR913&oq=As+enfermeiras+da+for%C3%A7a+expedicion%C3%A1ria+brasil+no+front+italiano&aqs=chrome..69i57.409j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 29 ago. 2023.

D'AVILA, Cristiane. Força feminina contra o nazismo: a enfermeira brasileira Virgínia Portocarrero na Segunda Guerra Mundial. **Café História**. Publicado em 1 mar de 2021. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/enfermeiras-na-segunda-guerra-virginia-portocarrero/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

DE SOUZA, Larissa Velasquez. Memórias da FEB: uma abordagem de gênero. A inserção de Maria Virgínia Niemeyer Portocarrero na carreira militar. **ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RIO**, 15, 2012, São Gonçalo/Rio de Janeiro. Anais. Disponível em: [Microsoft Word - 1338424322\\_ARQUIVO\\_TextoAnpuhLarissafinal.doc](https://www.microsoft.com/pt-br/word/1338424322_ARQUIVO_TextoAnpuhLarissafinal.doc). Acesso em: 7 jun. 2023.

FRANCO, Luiza. **BBC News Brasil**. Mulheres no comando das Forças Armadas: as histórias de duas únicas hoje no topo da carreira e por que há só duas. Publicado em 08/03/2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51289039>. Acessado em: 22 jun.2023.

VERDÉLIO, Andreia. **Agência Brasil**. Publicado em 17/02/2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-02/exercito-recebe-mulheres-na-aman-para-ensino-militar-belico-pela-primeira#>. Acessado em: 22 jun.2023.

## IX. Anexos

1. **Transcrição dos trechos da entrevista de Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero à Fundação Oswaldo Cruz**. Disponível em: [Virg\\_nia Portocarrero.pdf \(fiocruz.br\)](#). Acessado em: 22 jun. 2023.

*“LM: E no Colégio Pedro II... Desculpa, Bela... No colégio Pedro II a senhora já começou a demonstrar uma afinidade grande para desenho, até seu pai quis que a senhora fosse engenheira.*

*VP: Pois é. Eu queria ser militar, eu queria ser homem, ser militar, porque o fulano disse que era homem militar, os meninos, e não havia Colégio Militar para menina. O Colégio Militar era só para homem, então eu fui para o Pedro II, não é? Mas a minha vontade era ser homem e militar...*

*LM: Desde antes de ir?*

*VP: É. LM: É mesmo?!*

*VP: É. LM: Que coisa!*

*VP: Ser homem militar. E quando nós brincávamos, que nós vestíamos as roupas deles, não é?”*

*“LM: É por que o curso de enfermagem, não é?”*

*VP: Foi a revolta por eles estarem bombardeando. Eu ouvia falar essa coisa toda, não sabe? Eu disse: “Não, eu vou fazer um curso para também ir para essa guerra para cuidar dos militares...”*

*VP: A senhora já fez esse interesse de ir para guerra?*

*VP: Com interesse de ir para guerra.*

*LM: Era uma maneira porque a senhora sabia que as mulheres estavam tiradas da guerra.*

*VP: Eu ia fazer o profissional, mas não deu tempo, não houve tempo porque...*

*LM: É uma maneira de se militarizar, de ser militar.*

*VP: Militarizar.*

*LM: De ser militar.”*

*“VP: A preparação física foi...”*

*AB: Como que foi isso assim para a senhora?*

VP: 7 horas da manhã nós entrávamos...

AB: Era uma novidade para a senhora isso.

VP: Ah, sim!

AB: Como foi essa preparação física?

VP: Tudo, tudo. Tudo para mim era uma coisa. E eu...

AB: Teve dificuldade?

VP: Não, nenhuma dificuldade. Eu era estudiosa demais. Queria, não tinha dificuldade. “

“VP: “O doente merece uma enfermeira bonita!”

LM: Olha que interessante isso. Que legal isso, não é? Claro.

MM: Porque o doente vendo aqui era também...

LM: Você reanima também, não é?

VP: Cada um queria escolher a sua enfermeira. Quando viam enfermeira muito feia: “Não dá para...”

LM: Não dá Virgínia Portocarrero? (risos)

VP: (falavam juntas) Tinha uma feia que era boníssima, mas boníssima, querida por todos. Se eles a conhecessem eles queriam ela de tão boa que ela era. Ela era do Banco do Brasil. Então quando caía ela... Aí pediam para trocar. Aí o doente não queria, mas ela era bonita, ela não era feia não, mas aquela brutalidade, eles não queriam.”

“VP: (falavam juntas) Quando eu fui é que passei em tudo, que o meu lugar foi terceiro na turma. Tinha três em primeiro lugar, uma em segundo, e depois o meu foi eu em terceiro. Passei em tudo muito bem. Estudava que nem uma danada, não é? Eu não podia deixar de sair, porque eu queria ser aquilo. Já toda fardadinha...

LM: Nossa! Vibrando, não é?

VP: Toda de fardinha. Quando a gente ia pela rua fardada, fardadas de militar, os homens diziam assim: “Mulher não...”

LM: (Risos) Havia essa reação.

VP: Havia. Fazíamos continência direitinho, aprendemos tudo. O RDE em cima sempre, não é? O regulamento militar. “